

CULTURA VISUAL E MATERNIDADES NA MODA: DESFILE DOLCE & GABBANA KIDS (2015), EM HOMENAGEM ÀS MÃES

Visual culture and maternities in fashion : dolce & gabbana kids show (2015), in homage to mothers

Paula, Regina Ridão Ribeiro de; Graduada; Universidade Estadual de Maringá,
reginaridao@gmail.com¹

Fonseca, Annelise Nani da; Doutora; Universidade Federal de Juiz de Fora,
anne_nani@hotmail.com²

Baliscei, João Paulo; Doutor; Universidade Estadual de Maringá,
jpbaliscei@uem.br³

Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e
Imagem – ARTEI

Grupo de pesquisa Nea Onnim:
Arte, Educação e Poéticas de Representatividade

Resumo: Ao ter como objetivo problematizar imagens de maternidades divulgadas pela moda e mídia, levanta-se a seguinte pergunta: Quais as visualidades de maternidade a moda e a mídia (não) apresenta? Para isso, recorreu-se aos Estudos da Cultura Visual – ECV para analisar um desfile da marca Dolce & Gabbana Kids, de 2015, realizado em homenagem às mães e à imagens que remetem a maternidade na modernidade e nas redes sociais.

Palavras chave: Moda; Maternidade; Estudos da Cultura visual.


Abstract: By aiming to problematize images of maternity hospitals disseminated by fashion and the media, the following question arises: What are the maternity visuals that fashion and the media (doesn't) present? For this, Visual Culture Studies - ECV was used to analyze a 2015 fashion show of the Dolce & Gabbana Kids brand, held in honor of mothers and images that refer to motherhood in modernity and on social networks.

Keywords: Fashion; Maternity; Visual culture studies.

¹Formada em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Maringá – UEM. Participa da Comissão organizadora do Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Imagem _ ARTEI. Desenvolve pesquisas nos seguintes temas: Educação, Cultura Visual, Diversidade, formação de professores, ensino de Arte, Educação Infantil.

²Doutora em Artes pela ECA- Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo – USP, sua tese aborda o Processo Criativo para o ensino de Moda. Trabalha com arte-aprendizagem, processo criativo, desenvolvimento de produto e planejamento de coleção. Professora da Universidade Federal de Juiz de Fora- UFJF no Instituto de Artes e Design -IAD.

³Doutor em Educação (2018) pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Maringá – UEM, com estudos na Facultad de Bellas Artes/ Universitat de Barcelona, Espanha. Professor na UEM; Coordenador do Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Imagem – ARTEI. Artista Visual com produções que versam sobre gênero e infância.



Introdução

As discussões elencadas neste artigo contam com os estudos realizados junto aos Grupos de Pesquisa: Arte, Educação e Imagem - ARTEI e Nea Onnim: Arte Educação e poéticas de Representatividade, que, por meio dos Estudos Culturais – ECV e de Teóricos Decoloniais, problematizam as visualidades presentes em diversos meios de comunicações, assim como as interações sociais, responsáveis por produzir e padronizar culturas. Neste sentido, para embasar esse artigo descrito como uma pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, utiliza-se de teóricos que apoiam-se aos estudos da moda e psicanálise: Sandra Ramalho e Oliveira (2007); Gilles Lipovetsky (2006); Norval Baitello Junior (2007) e Ana Maria Szapiro e Camila Miranda de Amorim Resende (2010); e aos ECV: Chimamanda Adichie (2017); Laisa Sales (2017) e Fernando Henández (2007).

Conceitos e questionamentos presentes na contemporaneidade em torno das maternidades, dos corpos, das identidades femininas, das concepções que envolvem mulheres, mães e crianças, são representados também nos vestuários por meio da moda. Portanto, nesta pesquisa de inovação, tem-se como objetivo problematizar imagens de maternidades divulgadas pela mídia e moda. Para isso, levantam-se apontamentos dos ECV em torno dos corpos e visualidades; problematizam-se imagens de maternidades presentes na moda e na mídia, e descreve-se sobre as visualidades presentes no desfile realizado em homenagem às mães, pela marca Dolce & Gabbana Kids (2015) juntamente com inferências de Laisa Sales (2017) sobre mulheres grávidas e “saradas” presentes na mídia. Embora já tenha se passado 6 anos da data do acontecimento do desfile, considera-se relevante a inferência proposta neste artigo, diante da recorrência e atualidade do assunto. E como resultado desta pesquisa, estas reflexões apontam para um olhar crítico sobre as visualidades de maternidades presentes na mídia e na moda, tentando dar visibilidade às diferentes maneiras de ver, viver e entender o que é se mãe na contemporaneidade.

Visualidades da moda, ECV e a imagemização

No campo das visualidades bem como no campo da linguagem verbal, fazem-se necessários métodos de ensino que estudem os elementos transmitidos pela linguagem visual. Oliveira (2020) destaca que, embora não seja possível um método de análise preciso e pronto para todas as linguagens presentes no campo da visualidade, não ignora a necessidade de se ter diferentes ‘[...] modos de acesso às ‘linguagens’ visuais’ (Oliveira, 2007, p. 40, grifo da autora). Oliveira (2020) cria o termo imagemização para descrever o que poderia ser um analfabetismo visual e o desdobra em outros, tais como: o animágemo, ou animágema para analfabetos ou analfabetas visuais.

A partir do apontamento feito por Oliveira (2020) considera-se, então, a importância de ter um repertório ou um olhar crítico diante das imagens, para que as visualidades que circundam os ambientes dos sujeitos não se aproveitem do “animagemismo” dos indivíduos. Embora as imagens tenham o poder de seduzir, sugerir, intervir, impor, coagir, dentre tantos outros verbos que podem ser empregados como uma reação na ação de ver, de encontro com os estudos de Oliveira (2020) pode-se considerar os ECV, que apontam para uma necessidade de criticidade e reflexão ao interpretar as visualidades. Para Henández (2007, p. 22) a cultura visual é um ‘movimento cultural que orienta a reflexão e as práticas relacionadas a maneira de ver e de visualizar as representações culturais [...]’ considerando assim, as subjetividades de cada indivíduo.

Neste sentido, na sequência serão apresentadas considerações e reflexões em torno das visualidades do desfile da marca Dolce Gabbana, relacionando-as a outras imagens presentes na mídia que também abordam concepções de maternidades. Ao longo desta pesquisa serão colocados outros tipos de visualidades sobre maternidade, destoantes aos dos presentes no desfile. Ambos os tipos de visualidades apresentados neste artigo apontam para uma polarização da figura materna, que muitas vezes se apresenta em extremidades, hora apagando e hora invisibilizando a identidade da mulher enquanto mãe.

Maternidade e moda em Dolce & Gabbana

No desfile da marca Dolce Gabbana realizado no ano de 2015, os trajes da coleção que desfilaram na passarela de Milão foram endereçados às mães, e com o tema *viva la mama* a marca homenageou às mulheres mães. A partir de análises e reflexões sobre as visualidades presentes no desfile em questão, nota-se que os trajes que vestiram as modelos como os apresentados na Figura 1, apresentam mulheres docilizadas⁴ e infantilizadas, aproximando-as de personalidades ou visualidades que normalmente são endereçadas a identidades infantis.

Figura 1: Vestidos desfile Dolce & Gabbana Kids, 2015.



Fonte: <https://babies.constancezahn.com/dolce-gabbana-faz-desfile-em-homenagem-as-maes/>, 2015

Estes tipos de visualidades reforçados na campanha de moda aqui problematizada, apontam para uma certa cobrança que se debruça socialmente sobre os indivíduos, e aqui em especial sobre as mães, de não poderem envelhecer ou terem suas identidades próprias. Ao problematizar a identidade dessas mulheres que são padronizadas e moldadas a partir de padrões estéticos específicos, pode ser considerado o conflito entre visualidade e corpo apontados por Norval Baitello Junior (2007) de que ‘Quanto mais a

⁴ Ao utilizar a palavra docilizada neste artigo, toma-se como referência o sentido figurado da palavra, onde os trajes revelam que as mulheres, mais precisamente as mães, são vistas como amansadas e domesticadas.

vida da imagem domina a vida do corpo mais este corpo vai abrindo mão da sua própria existência' (JUNIOR, 2007, p. 81). De encontro com esse abrir mão da própria existência que Junior (2007) expressa na frase citada acima, pode se considerar os apontamentos de Adichie (2017) ao advertir que as mulheres por se tornarem mães não devem abandonar, caso não queiram, seus trabalhos formais e suas rotinas, simplesmente por estarem vivendo a fase da maternidade, e que a escolha de abdicar de estar com o filho ou filha na infância para voltar a exercer suas profissões, não as tornarão menos mães. Adichie (2017) denuncia ser comum as mulheres se sentirem culpadas por não passarem tanto tempo com seus/as filhos/as ao terem uma vida de trabalho formal ativa, culpa essa, que se recai inclusive sobre as mulheres consideradas socialmente como sendo, do lar, por se perderem em muitas atividades e não conseguirem ter momentos de qualidade com as crianças. Neste sentido as visualidades presentes na figura 1, apontam para uma imagem platônica da qualidade de ser mãe, uma mulher que vive em função dos filhos abrindo mão inclusive da sua própria identidade para dar visibilidade aos/as filhos/as.

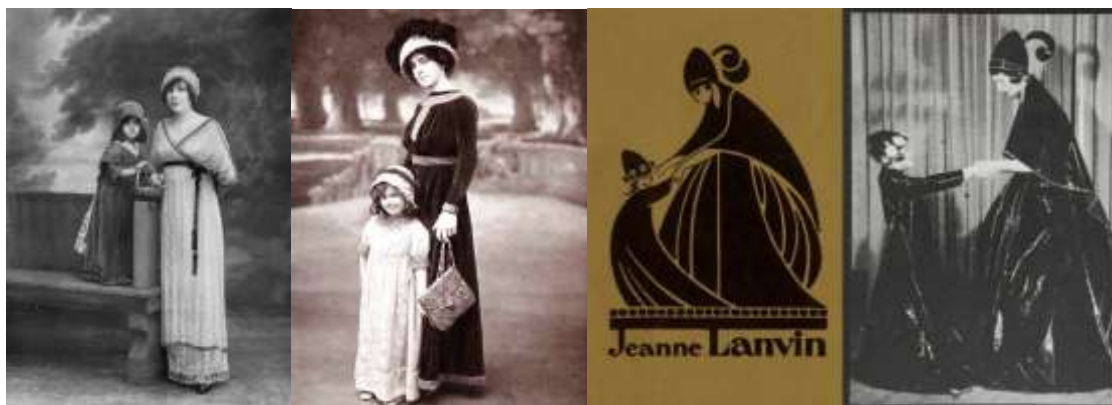
Oliveira (2007) destaca a relevância do corpo humano como visualidade passível para um exercício de leitura, pois, assim como as obras de arte possuem um suporte para seus elementos, o corpo também pode ser considerado assim. Para Oliveira (2020, p. 40), as imagens das pessoas e seus peculiares trajes '[...] consistem em um imenso acervo móvel e mutante, absolutamente acessível, que pode, portanto, servir para os mais diversos exercícios de leitura de imagens ou de prática para a imagemização'.

Ao identificar as visualidades presentes nos trajes do desfile em questão, nota-se a presença marcante da infantilização dos corpos daquelas mulheres, mães. As visualidades dos trajes apontam para um estilo de vida que sugere um deslocamento do sujeito no tempo e em sua faixa etária. Esse movimento não é novidade, conforme Szapiro e Resende (2010), na pós-modernidade existiu um padrão referencial estético da juventude como sendo um estilo de vida.

Os meios de divulgação na modernidade costumavam ser as revistas e jornais, meios impressos, e como um referencial de visualidade desta época na, figura 2, destacam-se imagens que reafirmam o argumento do “referencial de juventude” apontado pelas autoras. Os trajes da estilista francesa Jeanne Lanvin (1867-1946), uma das

pioneiras na história da moda a vestir crianças, são marcados por características como o comprimento, as cores lisas e o estilo dos chapéus e vestidos, que diferente do desfile da marca Dolce & Gabbana Kids, revelam um estilo menos infantil.

Figura 2: vestuários infantis de Jeanne Lanvin entre 1889 e 1909.



Fonte: <https://www.pinterest.com/pin/749708669210084163/>
www.researchgate.net/figure/Figura-6-chapeus-e-vestidos-de-Jeanne-Lanvin-publicados-na-revista-Les-Modes_fig3_329436277
<https://mundodasmarcas.blogspot.com/2016/05/lanvin.html?m=1>

Contudo, considera-se que esse “advento da juventude” apresentado por Szapiro e Resende (2010), pode ser na atualidade transpassado inclusive para um referencial estético da infância, como bem se destacam no desfile problematizado aqui, ao observar que as sugestões de visualidades que se apresentam nos vestuários das mulheres têm como referência as crianças e bebês. Lipovetsky (2006, p. 121) compartilha dessa discussão quando evidencia que ‘antigamente, uma filha queria parecer-se com sua mãe’ e atualmente é o contrário que acontece. Neste sentido, diante das visualidades presentes na coleção Dolce & Gabbana Kids (2015) fica evidente a tendência que a moda tem de capturar em suas imagens o zeitgeist⁵ do tempo, como um catalisador que materializa as demandas psicossociais, muitas vezes inconscientes.

As visualidades presentes nos vestuários apresentados no desfile de moda aqui em questão, podem indicar que as mães conseguem se desprender de seus conhecimentos

⁵ O conceito de Zeitgeist refere-se a um conjunto do clima intelectual e cultural do mundo. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/zeitgeist/>> Acesso em: 10 jun. 2021.

e repertórios para valorizar e se apropriar inclusive dos desenhos feitos pelas crianças como pode ser notado na figura 3.

Figura 3: Vestidos desfile Dolce & Gabbana Kids, 2015.



Fonte: <https://babies.constancezahn.com/dolce-gabbana-faz-desfile-em-homenagem-as-maes/>, 2015

Essas imagens docilizadas e infantilizadas apesar de serem “fofas” reforçam o argumento de Szapiro e Resende (2010) que indicam que os comportamentos dos indivíduos na contemporaneidade são diferentes dos da modernidade, pois no moderno os pais e as mães eram conquistados por seus filhos e filhas enquanto na contemporaneidade são os/as segundos/as que precisam ser conquistados/as pelos/as primeiros/as.

Esses argumentos são observados tanto no recorte dos vestidos, rodados, cumpridos, e quando curtos mesclados com cores e estampas suaves; sendo em sua maioria sem decotes, com cores neutras; nas decorações das bolsas e nos desenhos que as compõem. Visualidades estas que reforçam identidades maternas aprisionadas a uma identidade aceita culturalmente como sendo, dócil e submissa, escondendo o empoderamento feminino e a força que essas mulheres e mães têm.

Embora na figura 4, as modelos desfilam com as crianças em seus colos. Essa visualidade pode sugerir uma maternidade platônica, ao apresentar mães com salto, cabelos arrumados, tiaras nas cabeças e colares em seus pescoços mesmo com seus/as

filhos/as, pois basta pegar um bebê no colo pra saber que esses artefatos e visualidades podem não durar por muito tempo com crianças por perto.

Figura 4: Vestidos desfile Dolce & Gabbana Kids, 2015.



Fonte: <https://babies.constancezahn.com/dolce-gabbana-faz-desfile-em-homenagem-as-maes/>, 2015

No entanto, essas representações sugerem a reflexão de Szapiro e Resende (2010) que destacam que os objetos a serem consumidos por uma sociedade que tem por trás uma lógica de mercado, embora apresentem um prazer no consumo e uma liberdade no direito de escolha, enganam e tornam esses indivíduos presas fáceis para suas lógicas de mercado e consumo. Sugestões presentes nas visualidades podem parecer viáveis em um primeiro momento, mas nem sempre o são.

Outro exemplo além dos acessórios são os corpos que representam estas mães: todos de mulheres brancas, magras e altas, embora não seja viável colocar todos os tipos de portes físicos em um desfile, de algum modo poderiam ter sido representadas as diferenças, visto que um evento desse porte teve toda uma organização e estratégia para que viesse a acontecer. Adichie (2017) ao dar quinze sugestões para criar crianças feministas aponta ser importante que as crianças tenham a consciência de que a diferença é algo comum, normal, e que existem valores nas diferenças, para que elas cresçam sendo práticas e humanas. Neste sentido, ao se tratar de um desfile Kids e envolver crianças faz-se jus englobar diferentes aparências físicas, já que não existe apenas um padrão de mulher e mãe.

Ao dar continuidade a problemática que envolve o corpo da mulher e mãe e os padrões à elas estipulados pela mídia e moda, considera-se as inferências de Sales (2017) onde a autora aponta as imagens como devoradoras dos indivíduos. Uma busca frenética por um corpo imagético alcança inclusive mulheres grávidas como as blogueiras apresentadas por Sales (2017), figura 5. Neste caso em oposto a problematização que até aqui infere-se de a mãe querer se parecer com o filho e filha, a autora questiona as imagens de mães grávidas que não aceitam as mudanças de seus corpos durante a gestação, travando uma luta com as alterações naturais que às perpassam na gravidez.

Figura 5: Gravidas nas redes sociais



Fonte: Sales (2017)

As imagens e visualidades dispostas em blogs e redes sociais com a popularização dos meios digitais na contemporaneidade, produzem impacto sobre a sociedade e a cultura, assim como as apresentadas no desfile *viva la mama* e as campanhas realizadas na modernidade. Neste caso, as inferências até aqui sugeridas não se contradizem, pelo contrário, se complementam, pois o que nesta pesquisa acentua-se não são padrões a serem seguidos, mas sim a fuga dessas imagens padronizadas. Esses padrões hora infantilizam a experiência da mulher, e hora rejeitam as modificações presentes nesse corpo que transformou-se sendo e deixando de ser casa para seus e suas filhos e filhas.

Considerações Finais

O percurso de reflexões estabelecido neste artigo, visa a partir dos ECV refletir sobre como a identidade da mulher enquanto mãe perante as visualidades da moda e na mídia são impostas diante de padrões estéticos pré-estabelecidos. Dando ênfase a um referencial de infantilização da mulher enquanto mãe, diferente do modernismo que se adotava o referencial de juventude. Diante dessa mudança de “referencial” acentua-se o aprisionamento das mulheres a um padrão estético hora infasntilizado, que rechaça o envelhecimento, as rugas e a gordura, pois escondem as curvas da mulher madura no ideal infantil e hora sugerem uma não aceitação de um copo modificado pela gravidez, propondo um ideal de mamãe “saradas”. Além disso, ambas mantêm a visualidade feminina ainda sobre uma perspectiva do olhar masculino.

Perante o exposto, foi possível inferir ao observar as imagens sob a luz dos ECV, que as visualidades presentes no desfile em questão, apontam para uma violência estética não só com as crianças, ao repercutir um processo de adultização delas, mas também com as mulheres, ao reprimir suas identidades em uma sugestão de docilidade e submissão, reprimindo a força e autonomia delas.


Sendo assim, os ECV incitam os olhares para um dismantelamento crítico a respeito das práticas, apontando para o impacto das visualidades na formação das subjetividades e valores, de modo a refletir realidades outras, para além do que se está posto.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas**: um manifesto. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CONSTANCE ZAHN, 2015. Disponível em: < <https://babies.constancezahn.com/dolce-gabbana-faz-desfile-em-homenagem-as-maes/>>. Acesso em: 16 abr. 2021.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual**: transformando fragmentos em nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.



JUNIOR, Norval Baitello. **Podem as imagens devorar os corpos?** Sala Preta (USP), v. 1, p. 77-82, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero:** a moda e seu destino nas cidades modernas. São Paulo. Companhia de bolso, 2006.

OLIVEIRA, Ramalho Sandra. **Moda Também é Texto.** São Paulo: Rosari, 2007.

SALES, Laisa. **Imagens que nos devoram:** A reconfiguração dos corpos consumidos por imagens. Revista COMFILOTEC – ANO 3. VOL. 5, 2017. Disponível em: <<https://www.fapcom.edu.br/revista/index.php/revista-comfilotec/article/view/229>> Acesso em 20 agos. 2021.

SZAPIRO, Ana Maria; RESENDE, Camila Miranda de Amorim. **Juventude: Etapa da vida ou estilo de vida?** Psicologia e Sociedade, 22 (1), 43-49, 2010. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/250047367_Juventude_etapa_da_vida_ou_estilo_de_vida> Acesso em 10 jun. 2021.

